

AS PRINCIPAIS INTERVENÇÕES DA ENFERMAGEM BRASILEIRA NO MANEJO DA DOR ONCOLÓGICA

Data de aceite: 01/03/2024

Maria Aparecida da Silva Rosa Vieira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Faculdade de Enfermagem; pós-graduanda do curso de oncologia; Rio de Janeiro
<https://orcid.org/000-0002-1184-4781>

Michelle Almeida Moreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Faculdade de Enfermagem; pós-graduanda do curso de oncologia; Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0003-1991-9263>

Rafaela Caroline Bernardo De Lima

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Faculdade de Enfermagem; pós-graduanda do curso de oncologia; Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0003-2583-2594>

Patrícia Lima Pereira Peres

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Faculdade de Enfermagem; DEMI Professora Associada; Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0001-7086-8970>

Karla Biancha Silva de Andrade

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Faculdade de Enfermagem; DEMC, Professora Associada ;Enfermeira Intensivista da Unidade de Terapia Intensiva, Unidade II, Rio de Janeiro – RJ
<https://orcid.org/0000-0002-6216-484X>

Samira Silva Santos Soares

Universidade Estadual de Santa Cruz, Professora Assistente, Ilhéus, Bahia.
<https://orcid.org/0000-0002-9133-7044>

Ana Paula Brito Pinheiro

Instituto Nacional de Câncer – INCA, Enfermeira. Doutora em Enfermagem e Biociências, Professora convidada Pós-graduação Enfermagem em Oncologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro Rio de Janeiro – RJ
<https://orcid.org/0000-0002-4441-4948>

Maria Aparecida Fernandes Ximenes

Instituto Nacional de Câncer – INCA, Enfermeira Líder da Unidade de Pronto Atendimento do INCA- Unidade II, Rio de Janeiro -RJ
<https://orcid.org/0000-0001-9389-1161>

Thereza Christina Mó Y Mó Loureiro Varella

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Faculdade de Enfermagem; DESP Professora Associada; Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0001-9389-1161>

Helena Ferraz Gomes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Faculdade de Enfermagem; DEMC Professora Adjunta; Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0001-6089-6361>

RESUMO: A dor é um dos sintomas mais frequentes e incapacitantes vividos pelos pacientes oncológicos, podendo ocorrer desde antes de seu diagnóstico até seu tratamento paliativo ou remissão. A resposta humana aos limites da dor e a multiplicidade de fatores causais são distintos de um indivíduo para outro, o que dificulta a avaliação e muitas vezes leva os profissionais a desacreditar na dor do outro. **Objetivo:** analisar as principais intervenções de enfermagem utilizadas no tratamento da dor, a partir das produções científicas brasileiras. **Método:** trata-se de uma revisão de literatura na modalidade integrativa que é de caráter qualitativo. **Resultado:** evidenciou-se as boas práticas do enfermeiro quanto à avaliação e controle da dor em pacientes oncológicos e o enfermeiro, além de buscar identificar o tipo e a intensidade da dor, precisa analisar as queixas do paciente, bem como a repercussão psicológica e as limitações impostas pela dor. **Conclusão:** É importante que o enfermeiro estabeleça critérios clínicos para essa avaliação, buscando saber sua localização, intensidade, periodicidade, duração e evolução. Além disso, observou-se que a função da equipe de enfermagem no controle da dor se estende ao aspecto gerencial, educacional e de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Dor. Cuidados de enfermagem. Oncologia. Planejamento de Assistência ao Paciente.

THE MAIN INTERVENTIONS OF BRAZILIAN NURSING IN THE MANAGEMENT OF ONCOLOGICAL PAIN

ABSTRACT: Pain is one of the most frequent and disabling symptoms experienced by cancer patients, and it can occur from before its diagnosis to its palliative treatment or remission. The human response to pain limits and the multiplicity of causal factors are different from one individual to another, which makes evaluation difficult and often leads professionals to disbelieve in the other's pain. **Objective:** to analyze the main nursing interventions used in pain management. **Method:** this is a literature review in the integrative modality that is qualitative in nature. **Result:** the good practices of nurses regarding the assessment and control of pain in cancer patients were evidenced. **Conclusion:** about the issue of pain, nurses, in addition to seeking to know the type and intensity of pain, need to analyze the patient's complaints, the psychological repercussions and limitations imposed by pain. It is important for nurses to establish clinical criteria for this assessment, seeking to know its location, intensity, frequency, duration and evolution. Furthermore, it was observed that the role of the nursing team in pain control extends to the managerial, educational and research aspects.

KEYWORDS: Pain. Nursing care. Oncology. Patient Care Planning.

INTRODUÇÃO

A dor é um sintoma comum e bastante frequente em pacientes oncológicos, entretanto, costuma trazer incômodo e incapacidade momentânea, podendo ocorrer desde antes de seu diagnóstico e sendo capaz de persistir por todo seu tratamento. A *International Association for the Study of Pain (IASP)* define a dor como ““experiência sensitiva e emocional desagradável associada, ou semelhante àquela associada, a uma lesão tecidual real ou potencial” (SOUZA, et al,2020)

A dor é considerada um sintoma muito comum em pacientes com câncer e se manifesta em todos os estágios dessa doença. O Brasil é o segundo país da América Latina em que os pacientes oncológicos sentem mais dor, estima-se que de 62% a 90% dos pacientes apresentam algum tipo de dor e cerca de 24,5% a 46,6% desses pacientes não recebem um controle adequado para sua dor, por isso este acaba sendo um efeito tão temido por eles (BRASIL,2018).

A dor oncológica, em especial, está intimamente relacionada ao processo de desenvolvimento do câncer no organismo, podendo ter início e duração variáveis, ser contínua ou intermitente. Quanto à sua duração, as síndromes dolorosas podem ser aguda e crônica e quanto à sua classificação podem ser nociceptivas, neuropáticas, psicogênicas e/ou mistas, sendo esta última a mais prevalente, já que consiste na associação de duas ou mais das etiologias e possui padrão complexo (DECINA,2022).

Quantificar a intensidade da dor é indispensável para o planejamento do tratamento, a resposta humana para o limite é algo muito subjetivo, sendo distinto de um indivíduo para outro, o que pode dificultar a avaliação tornando um desafio aferir corretamente o nível de dor sentido pelo paciente, por isso, é imprescindível que o enfermeiro estabeleça critérios clínicos para essa avaliação, buscando saber sua localização, intensidade, periodicidade, duração e evolução.

Neste contexto, a identificação e o controle da dor são fundamentais para o processo do cuidado, o enfermeiro é responsável por essa avaliação e manejo, a fim de aliviar sintomas e garantir uma melhor qualidade de vida ao paciente. Costa (2016, p.12) afirma que “o manejo da dor oncológica apresenta particularidades que podem advir do próprio câncer ou estar relacionada ao seu tratamento, mas que pode ser controlada.” Contudo, a avaliação inadequada da dor e o desconhecimento sobre as estratégias disponíveis para o seu controle são fatores que podem dificultar o manejo desse sintoma.

A maioria das equipes de saúde, incluindo os enfermeiros, apresenta déficit de conhecimento sobre avaliação e manejo clínico da dor. Atribui-se, a abordagem superficial sobre o assunto na graduação, a deficiência de educação permanente nos serviços de saúde e desinteresse intelectual pela farmacocinética e farmacodinâmica dos medicamentos recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como fatores limitantes dos profissionais. Acrescenta-se que a inabilidade pessoal em assistir o paciente oncológico nas dimensões física, psíquica, social e espiritual também pode contribuir (RIBEIRO, et al, 2019).

Considerando que a enfermagem é responsável pelo cuidado ao paciente e desenvolve atividades que podem contribuir para o manejo da dor, o objeto desta pesquisa foi as intervenções utilizadas pela equipe de enfermagem no manejo da dor oncológica e foi elaborada a seguinte questão de pesquisa: quais são as principais intervenções utilizadas pela enfermagem no manejo da dor oncológica?

A partir desse questionamento, traçou-se como objetivo geral analisar as principais intervenções da enfermagem utilizadas no gerenciamento da dor oncológica, a partir das produções científicas brasileiras.

Esse estudo pretendeu contribuir para ampliar o conhecimento dos profissionais de enfermagem que atuam no cuidado ao paciente oncológico, no que concerne o manejo da dor, apoiando, dessa forma, a qualidade da assistência.

METODOLOGIA

Pesquisa de revisão de literatura na modalidade integrativa, que é de caráter qualitativo, com o intuito de direcionar a temática para a prática, fundamentando-a no conhecimento, e respondendo ao objetivo proposto.

A construção da revisão integrativa é composta por seis fases: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados, apresentação da revisão integrativa (DE SOUSA, et al. 2017).

A busca pelos artigos foi realizada no período de abril a outubro de 2021, na base de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Foram utilizados os seguintes descritores: dor and oncologia e enfermagem and oncologia. Além disso, elegeu-se como critérios de inclusão: artigos e trabalhos de conclusão, com texto completo, no idioma português, publicados entre 2016 a 2021, com país de filiação Brasil. E como critério de exclusão: artigos duplicados, sem pertinência com o tema ou que não respondeu ao objetivo da pesquisa, artigos pagos.

Após a leitura exploratória e seleção do material, iniciou-se a leitura analítica, dos periódicos selecionados, oportunidade em que se realizou a organização das ideias por ordem de importância e a síntese das ideias essenciais para a solução do problema da pesquisa.

Após essa etapa, foi iniciada a leitura interpretativa que abordou o comentário feito pela ligação dos dados obtidos nas fontes ao problema da pesquisa e conhecimentos prévios. Na leitura interpretativa houve uma busca mais ampla de resultados, tendo em vista o problema da pesquisa e as possíveis soluções. Feita a leitura interpretativa levantou-se os apontamentos que se referiram às anotações relacionadas ao problema da pesquisa, considerando as ideias principais e os dados mais relevantes.

No primeiro pareamento com os descritores dor e oncologia obteve-se um total de 2.442 artigos e após aplicação dos critérios restaram 44 artigos, dos quais 40 foram excluídos por não possuírem pertinência com o tema ou por não responderem aos objetivos da pesquisa, dessa forma, ao final foram selecionados 4 artigos.

No segundo pareamento com os descritores enfermagem e oncologia, obteve-se um total de 391 artigos e após aplicação dos critérios ficou um total de 117 artigos, 115 foram excluídos por não possuírem pertinência com o tema ou não responderem os objetivos da pesquisa, totalizando 02 artigos. Após a análise foi realizado o cruzamento e permaneceram 06 artigos na pesquisa.

RESULTADOS

Os 06 artigos científicos selecionados foram inseridos em um quadro sintético com as seguintes variáveis: nome do periódico da publicação, tipo de estudo, autor principal, período de publicação e objetivo de pesquisa (Quadro 1).

Quadro 1 – Quadro sintético de artigos selecionados

ARTIGOS	AUTORES, ANO	PERIÓDICO	OBJETIVO	TIPO DE ESTUDO
Implementação da avaliação da dor como quinto sinal vital.	CASTRO, C. C. D.; PEREIRA, A. K. S.; BASTOS, B. R.; 2018	Revista enfermagem UFPE on-line	Analisar a implementação da avaliação da dor como o quinto sinal vital.	Trata-se de um estudo quantitativo, prospectivo e descritivo, transversa
Dor oncológica: avaliação e manejo.	ESCOLANI, D. HOPF, L. B. F. et al. 2018	Acta médica online	O objetivo do estudo foi realizar uma breve revisão da literatura sobre dor crônica oncológica, buscando informações relevantes para a prática clínica.	Revisão de literatura
Assistência de enfermagem ao paciente com dor oncológico.	BORGES, D. A.; OLIVEIRA, S. A. 2015	Centro de estudo de enfermagem e nutrição. PUC Goiás.	O objetivo do estudo foi identificar a produção do conhecimento sobre a enfermagem e a dor do paciente com câncer.	Revisão de literatura narrativa.
Cuidados paliativos de enfermagem a pacientes com feridas neoplásica	SILVA, E.V. S, CONCEIÇÃO, H.N. 2020	Revista espaço para saúde.	Descrever as evidências científicas disponíveis na literatura sobre os cuidados paliativos de enfermagem a pacientes com feridas neoplásicas.	Revisão integrativa
Boas práticas do enfermeiro quanto avaliação e controle da dor em pacientes oncológicos.	RIBEIRO, C.P. 2019	Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Residência multiprofissional oncologia.	Compilar em quadros as boas práticas do enfermeiro na avaliação e controle da dor dos pacientes oncológicos adultos e idosos, de modo a fundamentar ações que poderão ser seguidas pelos enfermeiros para um manejo da dor com qualidade.	Revisão de literatura sistemática com metas sumarização qualitativa.
Dor Oncológica: Manejo clínico realizado pelos enfermeiros.	ANDRADE F.L.M. SILVA, M.E.S.; MACÊDO, E.L.; BRITO, D.T.F.; SOUSA, A.T.O.; AGRA, G. 2018.	Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde	Investigar o manejo clínico da dor oncológica realizado por enfermeiros	Pesquisa exploratória com abordagem qualitativa

Fonte: Dados da pesquisa

Em seguida desenvolveu-se o quadro 2 no qual agrupou-se as principais intervenções realizadas pela enfermagem no manejo da dor que foram encontradas nos artigos pesquisados.

Quadro 2 – Principais intervenções realizadas pela enfermagem no manejo da dor, conforme os artigos pesquisados

ARTIGOS	PRINCIPAIS CUIDADOS DA ENFERMAGEM NO MANEJO DA DOR
Implementação da avaliação da dor como quinto sinal vital.	<ul style="list-style-type: none"> • Importância da implantação e a avaliação da dor como o quinto sinal vital; • Realização da avaliação da dor nos pacientes admitidos e internados; • A necessidade de investimento em educação continuada das equipes de enfermagem, possibilitando maior conhecimento acerca do manejo da dor;
Dor crônica oncológica: avaliação e manejo.	<ul style="list-style-type: none"> • O enfermeiro deve usar como guia a escada analgésica da organização mundial da saúde (OMS), criada em 1986 e com modificações sugeridas em 2010, que estabelece passos para a implementação de diferentes intervenções farmacológicas e não-farmacológicas para o paciente;
Assistência de enfermagem ao paciente com dor oncológico.	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a sistematização da assistência de enfermagem (SAE), para que haja uma adequada avaliação da dor, o registro apropriado e, conseqüentemente, produzam-se melhores resultados quanto ao manejo desta, de forma que seja possível atrelar conhecimento e ação; • Buscar educação permanente para a enfermagem é vista como sendo um esteio para a assistência eficaz ao paciente e sua família;
Boas práticas do enfermeiro quanto avaliação e controle da dor em pacientes oncológicos.	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização de escalas unidimensionais, dentre as mais utilizadas estão: escala visual analógica, escala numérica de avaliação, escala de avaliação verbal, escalas de termômetro de dor e escalas de face; • Realizar intervenção educacional a pacientes e seus familiares/cuidadores, quanto ao desenvolvimento do autocuidado e autogerenciamento sobre a dor oncológica.
Dor oncológica: manejo clínico realizado por enfermeiros	<ul style="list-style-type: none"> • É desejável o uso de intervenções múltiplas que possibilitem melhor resposta analgésica, visto que a possibilidade de interferirem, simultaneamente, na geração do impulso nociceptivo e neuropático nos processos de transmissão e interpretação do fenômeno doloroso e na estimulação do sistema supressor da dor.
Cuidados paliativos de enfermagem a pacientes com feridas neoplásicas	<ul style="list-style-type: none"> • A utilização de medidas simples possibilita o controle da dor, tais como: o uso de coberturas antiaderentes; o cuidado ao remover o curativo; o uso de irrigação de solução abundante para prevenir lesão secundária, como de terminações nervosas; proteger as margens e a aplicação de crioterapia local

Fonte: dados da pesquisa

DISCUSSÃO

Borges e Oliveira (2015, p. 2) alegam que a “percepção e a reação à dor variam entre indivíduos com uma mesma doença e podem levar a diferentes graus de sofrimento”. Essas diferenças individuais dependem de diversos fatores como sexo, raça, cultura e história do indivíduo.

No cenário hospitalar, a proximidade entre equipe de enfermagem e o paciente possibilita o atendimento individualizado, agilizando as intervenções para o controle da dor. Cuidar, educar, acolher, amparar, aliviar desconfortos, controlar sintomas e minimizar o sofrimento são ações cotidianas na vida dos profissionais de saúde, porém é fundamental auxiliar estes profissionais na aquisição de conhecimentos clínicos que favoreçam essa prática (SIMONATO e DE ARAUJO MITRE, 2017).

Desde janeiro de 2000, a *Joint Commission on Accreditation on Healthcare Organizations* (JCAHO) publicou uma norma que descreve a dor como quinto sinal vital, a avaliação

da dor como quinto sinal vital auxilia na intervenção da equipe de enfermagem, sendo muito importante entender seu significado e fazer a mensuração correta. A queixa de dor deve ser sempre valorizada e respeitada devido ao desconforto que manifesta, através da identificação precoce é possível estabelecer uma terapêutica de controle de forma eficaz, minimizando dores agudas, assegurando um cuidado mais assertivo e eficiente ao paciente (DE SOUZA et. al., 2017).

Dentre os elementos a serem reconhecidos pelo enfermeiro no gerenciamento da dor oncológica permeiam desde a avaliação do paciente através do histórico de enfermagem e do exame físico realizados pelo enfermeiro, além das propostas de manejo do tratamento farmacológico e não farmacológico. (DE SOUZA et. al., 2017).

O primeiro desafio é identificar o tipo de dor que envolve o paciente. A dor oncológica pode ser subdividida em dois tipos: em dor crônica e dor aguda e devem ser levadas em consideração na hora da avaliação e intervenção. A dor crônica tem duração contínua e está relacionada diretamente com o tumor, pois, a mesma pode causar inflamação tecidual persistente, perda tecidual ou lesão neuropática, que refletem diretamente em alterações do sistema nervoso periférico ou central e a manutenção de mecanismo de dor. A dor aguda geralmente tem duração limitada sendo a mesma facilmente diagnosticada. Ocorre com mais frequência após procedimentos cirúrgicos ou tratamento com quimioterapia ou radioterapia (BORGES e OLIVEIRA, 2015).

A dor do câncer também pode ser classificada em nociceptiva que é a resultante de agressão inflamatória em pele, tecido celular subcutâneo, músculo, fâscias, tendões e ossos e visceral, quando ocorre por lesões de vísceras pélvicas, abdominais ou torácicas e órgãos inervados pelo sistema nervoso autônomo. Seu mecanismo inclui distensão ou contração da musculatura lisa da parede da víscera, da cápsula ou tração e torção do mesentério e dos vasos sanguíneos. Neuropática está associada ao estímulo somatossensorial anormal de qualquer elemento do sistema nervoso central (SNC) ou periférico; idiopática tem origem psíquica e é rara em pacientes com câncer e mista coexistência de dois ou mais tipos de dor (DECINA,2022).

As modificações e alterações provocadas pela persistência da dor trazem muito sofrimento para os pacientes e suas famílias, influenciando de forma significativa a percepção da qualidade de vida destes. Desta forma, compreender os conceitos e tipologias de dor colabora para a identificação e tratamento adequado por parte dos profissionais de saúde, em destaque a enfermagem (DO NASCIMENTO,2020.)

O processo de avaliação da dor no paciente oncológico deve incluir uma anamnese completa, exame físico, bem como, os aspectos psicossociais, espirituais e familiares relacionados ao paciente. A dor deve ser vista e tratada dentro de toda a complexidade que ela exige, sendo necessário agregar diversos profissionais que juntos poderão proporcionar alívio da dor e melhorar qualidade de vida dos pacientes (BORGES; OLIVEIRA, 2015).

Para o reconhecimento do grau de dor do paciente é aconselhável seguir alguns procedimentos técnicos que facilitam no diagnóstico, sendo necessário conhecer as limitações de cada pessoa e assim planejar as melhores práticas para a recuperação com o menor sofrimento possível. Dentre os métodos farmacológicos, o seguimento da escada analgésica da Organização Mundial de Saúde (OMS) é o método ouro de manejo dessa dor (ERCOLANI, HOPF e SCHWAN, 2018.).

A equipe de enfermagem pode utilizar várias escalas para mensurar a intensidade da dor do paciente, sendo que cada uma tem suas vantagens e limitações. Portanto, iniciar a avaliação da dor questionando sua intensidade, localização, tipo e radiação demanda a escolha de escala a ser utilizada de acordo com a idade, habilidades de comunicação, prejuízo cognitivo e físico do paciente. E ela deve ser simples e de fácil manuseio, pois, instrumentos complexos podem dificultar a aplicação pelos técnicos de enfermagem, sendo melhor conduzidos pelo enfermeiro durante a realização do exame físico e raciocínio clínico (CASTRO; PEREIRA, BASTOS,2018)

As escalas unidimensionais são frequentemente utilizadas pelo enfermeiro e sevem para obter informações rápidas sobre a intensidade da dor. Entre as escalas unidimensionais mais utilizadas destacam-se a escala visual numérica (EVN), a escala visual analógica (EVA) e a escala de categoria verbal ou visual. Instrumentos unidimensionais são de fácil aplicação, porém não são sensíveis aos componentes afetivos da dor, sendo necessária a utilização de outros instrumentos, como escalas multidimensionais que aferem e avaliam o efeito da dor diariamente e na qualidade de vida (DO NASCIMENTO, 2017.)

Quanto às escalas multidimensionais, destaca-se o Inventário Breve da Dor (IBD) um instrumento útil para avaliação da dor, e tem sido bastante usado nas pessoas com câncer. Inclui um esquema para anotar a localização da dor, com perguntas a respeito da intensidade atual, média, e a pior, usando a escala de avaliação de 0 a 10 (TOLEDO e SOBREIRA, 2008.).

Para o tratamento medicamentoso da dor oncológica, os opioides mantêm-se como primeira escolha terapêutica, porém em pacientes com dor leve a moderada, o primeiro degrau é o uso de droga não opiácea, com adição de uma droga adjuvante, conforme a necessidade. No entanto, ressalta-se que, em situações de difícil controle da dor, o tratamento multimodal, em que diferentes classes de fármacos são associadas, é de fundamental importância no tratamento adequado da dor do câncer (DA NOBREGA, et al, 2020).

Vale ressaltar que no manejo da dor oncológica também podem ser utilizadas medidas não farmacológicas, que são os chamados tratamentos alternativos ou complementares como hipnose, distração, técnicas de relaxamento, massagens, estimulação cutânea, acupuntura, exercícios ou fisioterapia, que podem ser utilizados separadamente ou juntamente com os métodos farmacológico (XAVIER, et al, 2020.)

Ademais, a equipe de enfermagem que atua na assistência ao paciente com dor oncológica deve unificar o saber científico ao saber humanitário, e o enfermeiro precisa ter conhecimento, dedicação, atenção e responsabilidade a fim de direcionar ações, com vistas ao alívio dos sintomas e promover dignidade ao paciente que enfrenta a impossibilidade de cura (ANDRADE, et.al. 2018).

Nesse sentido, o adequado preparo de enfermeiros é estratégia fundamental para o controle da dor e sintomas prevalentes em pacientes com câncer, pois são os profissionais que mais frequentemente avaliam a dor, a resposta à terapêutica medicamentosa e a ocorrência de efeitos colaterais. Além disso, colaboram na reorganização do esquema analgésico, propõem estratégias não farmacológicas, auxiliam no ajuste de atitudes e expectativas sobre os tratamentos e acolhem os pacientes hospitalizados.

CONCLUSÃO

A pesquisa permitiu compreender a dor como um sintoma subjetivo e individual, o qual não deve ser subestimado e que a abordagem utilizada para a avaliação da dor pelos enfermeiros e sua equipe requer um comprometimento profissional no intuito de entender os aspectos objetivo e subjetivo da dor oncológica.

Além disso, faz-se necessário o estímulo à capacitação profissional e à criação de protocolos pelas instituições quanto à avaliação da dor, reforçando sua importância como o quinto sinal vital.

Ressalta-se ainda que a avaliação da dor oncológica deve ser contínua, utilizando escalas unidimensionais e outras modalidades avaliativas como expressão facial, anamnese, exame físico e queixa algica, assim como o aprofundamento da farmacodinâmica e farmacocinética dos analgésicos para uma intervenção segura e eficaz.

Nesse sentido, destaca-se como imitação do estudo o número de artigos pesquisados e espera-se contribuir com a melhora na qualidade da assistência, como também estimular pesquisas voltadas para essa temática, incentivando a ampliação de produções nesta área extremamente complexa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F.L.M.; SILVA, M.E.S.; MACÊDO, E.L.; BRITO, D.T.F.; SOUSA, A.T.O.; AGRA, G.

Dor oncológica: manejo clínico realizado por enfermeiros. Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 8, n. 1, p. 3-16, 2018.

BORGES, Daniela Alves; OLIVEIRA, Seni Alves. Assistência de enfermagem ao paciente com dor oncológico. Revista científica Facmais, Góias, 2015.

BRASIL, Eduardo Assis et al. Métodos anestésicos intervencionistas no tratamento da dor oncológica. Acta médica, v. 39, n. 2, p. 202-213, 2018.

CASTRO, C.C.; PEREIRA, A.K.S.; BASTOS, B.R. **Implementação da avaliação da dor como o quinto sinal vital.** Revista de enfermagem UFPE online., Recife, p. 3009-3014, nov., 2018.

COSTA, A. S. S. P. **Manejo da dor no câncer: proposta de tecnologia para educação de enfermeiros.** 2016. Disponível em: <<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/12/1045930/aquiene-santos-da-silva-pires-da-costa.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2021.

DA NOBREGA, MAGNOLIA LEAO ET AL. TRATAMENTO DA DOR ONCOLÓGICA: RELATO DE UM CASO. BRAZILIAN JOURNAL OF ANESTHESIOLOGY, V. 44, N. 4, P. 287-291, 2020.

DECINA, MATEUS MACHADO. MANEJO DA DOR DO CÂNCER. REVISTA DOS SEMINÁRIOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, V. 4, N. 1, 2022.

DE SOUSA, LUÍS MANUEL MOTA ET AL. A METODOLOGIA DE REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA EM ENFERMAGEM. Nº21 SÉRIE 2-NOVEMBRO 2017, V. 17, 2017.

DO NASCIMENTO, JÚLIO CÉSAR COELHO ET AL. PERCEPÇÃO DA ENFERMAGEM SOBRE AVALIAÇÃO DA DOR ONCOLÓGICA. BIOLÓGICAS & SAÚDE, V. 10, N. 32, P. 51-61, 2020.

ERCOLANI, D.; HOPF, L. B. S.; SCHWAN, L. **Dor crônica oncológica: avaliação e manejo.** PUCRS. 2018.

RIBEIRO, CAROLINE PEREIRA ET AL. BOAS PRÁTICAS DO ENFERMEIRO QUANTO A AVALIAÇÃO E CONTROLE DA DOR EM PACIENTES ONCOLÓGICOS. 2019.

SILVA, ELISÁ VICTÓRIA SILVA; CONCEIÇÃO, HN DA. CUIDADOS PALIATIVOS DE ENFERMAGEM A PACIENTES COM FERIDAS NEOPLÁSICAS. ESPAC. SAUDE [PERIÓDICO NA INTERNET], V. 21, N. 1, P. 82-93, 2020.

SIMONATO, MARIANA PEREIRA; DE ARAUJO MITRE, ROSA MARIA. SUTILEZAS E TESSITURAS DO AMBIENTE HOSPITALAR: O COTIDIANO DE UMA ENFERMARIA PEDIÁTRICA DE MÉDIA E ALTA COMPLEXIDADE/HOSPITAL SUBTLETIES AND TESSITURA: DAILY ROUTINE OF A PEDIATRIC WARD OF MEDIUM AND HIGH COMPLEXITY. CADERNOS BRASILEIROS DE TERAPIA OCUPACIONAL, V. 25, N. 2, P. 245-254, 2017

SOUZA, JULIANA BARCELLOS DE E BARROS, CARLOS MARCELO DECONSIDERATIONS ABOUT THE NEW CONCEPT OF PAIN. BRJP [ONLINE]. 2020, V. 3, N. 3 [ACESSADO 5 AGOSTO 2022, PP. 294. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://DOI.ORG/10.5935/2595-0118.20200190](https://doi.org/10.5935/2595-0118.20200190)>. EPUB 21 SET 2020. ISSN 2595-3192. [HTTPS://DOI.ORG/10.5935/2595-0118.20200190](https://doi.org/10.5935/2595-0118.20200190).

TOLEDO, FLÁVIA OLIVEIRA; SOBREIRA, CLÁUDIA FERREIRA DA ROSA. ADAPTAÇÃO CULTURAL DO INVENTÁRIO BREVE DA DOR PARA A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL E TESTE DE SUAS PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS. 2008.

XAVIER, WELKER DA SILVA ET AL. INTERVENÇÕES NÃO FARMACOLÓGICAS NA MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES ONCOLÓGICOS. ACTA PAULISTA DE ENFERMAGEM, V. 33, 2020.